

# ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE  
Em Lisboa  
**Anibal Cruz**

Correspondentes em Lisboa, Pôrto, Coimbra, Aveiro, Pova e Paço, Vilariño, Matadinhos, Taboeira, Esgueira, Angeja e Sarrazola (Cacia).

SEMANARIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Darwin

ASSINATURA		Proprietário-Director e Administrador <b>José Marques Damião</b>	Redactor e Editor <b>António da Costa Pinto</b>	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS <b>Rua da Paz — QUINTA DO LOUREIRO (CACIA)</b>
Série de 50 números . . . . .	24\$00	O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto	Não se restituem quaisquer originaes, quer sejam ou não publicados.	Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
Série de 25 números . . . . .	12\$00			
Estrangeiro; 50 números . . . . .	50\$00			
Colónias . . . . .	30\$00			

## ECOS & NOTÍCIAS

### TODAS AS DORES DO MUNDO

«Para que se seja bom cristão, como já afirmou alguém, há que sentir como nossas tôdas as dores do mundo. Civilização cristã será, por consequência, aquela que, acima de tudo e para além de tudo, pela força do espírito, mantenha vivas na alma e no coração dos povos as normas de solidariedade e amor indispensáveis à harmonia e ao equilíbrio do agregado humano.

Porque assim é, não pode admitir-se como boa a hipótese de que os portugueses — fiéis paladinos da civilização de Cristo — se deixem arrastar para o torvelim da loucura, do desperdício e do prazer — que são as características do velho Etrusco.

Nã! Os portugueses, em paz, sentem como suas as dores e as angústias dos outros povos, seus irmãos em guerra. O Carnaval — cortejo de luxos materiais e miserias morais — é o caminho inverso daquele que o decêdo individual e a consciência colectiva, impõem aos portugueses. O Carnaval morreu. Não ressuscitemos numa época séria uma prática cônica. Ao condenar o Carnaval não condenamos a alegria, mas o desregramento. Sejam, ainda nisso, sérios e coerentes.»

E quasi assim passou.

### ORAÇÃO À MULHER

Falando da Mulher, e elogiando-a, escreveu assim o sr. cônego Alves Mendes:

A mulher é na vida o que a flôr é no campo e o aroma na flôr; o oásis no deserto e a frescura no oásis; o desenho na pintura e o colorido no desenho; o trinado na música e a melodia no trinado; o bálsamo na ferida e a suavidade no bálsamo; a lágrima no combate e a poesia na lágrima; a esmola na indigência e a modéstia na esmola; é a luz branda da estrela e o calor intensissimo do sol; o meigo sorriso da aurora e a lava candente do vulcão; é a deusa da consciência humana e a musa do humano sofrimento; é a fé e a esperança em tôda a parte; é o milagre dos milagres: o Amor.

É uma oração sincera. E dita por um sacerdote de talento como o foi Alves Mendes, quem há que lhe não reconheça também espírito de justiça?

### PARECE ANEDOTA

Um pequenito pedindo esmola, lamuriando:  
— Já não tenho pai e minha mãe está no hospita; dê-me uma esmolinha, porque se eu fôr para casa sem dinheiro eles batem-me.

## DIANTE DA VIDA

Segundo a Bíblia, Deus deu o trabalho ao homem por castigo.

Sem dúvida, muitas espécies de trabalho são duma violência dolorosa; outras, porém, servem de distração, de encanto e de glória.

A pintura, a escultura, a música, por exemplo, estão no segundo caso. O homem exerce-as com prazer e alegria.

Mas no primeiro caso? Quantos não existem que exigem esforços e sacrificios, a própria saúde e a vida!

Na agricultura, sob o calor tropical, sob o frio polar, abindo o sulco na terra dura e bravia; na pesca, arrostando a fúria das vagas do mar em meio das quais se escancaram gúelas espantosas de abismos; no porão dos navios — antros de fogo; nas minas, da Sibéria ou do Rand, centenas de metros abaixo do solo, subterrâneos de dor e angústia, . . . — que é o trabalho?

É um verdadeiro castigo, mais cruel por imerecido, o homem transido e incerado, vítima de destinos incoercíveis, continuamente erguendo os olhos ao céu e pedindo a Deus que lhe não falte ao menos com a luz da esperança num mais benigno mundo!

!Haverá coração que a saudade não ilumina ou abraça—

luz e fogo que nos espaços ondulam, criam e alimentam os milhões de vidas em que se desdobra e multiplica a vida do Universo!

Não sei. . . Ninguém sabel! Para muitos, a luz é apenas a fosforescência do fogo fátuo a subir da terra onde se enterrou o envólucro dum amor que se faz eterno! O fogo, é apenas a saúde tornada flama a projectar se no que foi crença, sonho, esperança, subindo e descendo ante os olhos em lágrimas!

!No meu coração ilumina e queima! A esperança, o sonho, a crença formam uma nuvem que tanto pode conter o fogo do relâmpago como a chuva benéfica para a terra esmarida em prolongada estiagem.

A's vezes, a nuvem é diáfana e ondula ao subir do sol duma desejada manhã, a sua sombra ténue passando ligeira na orla do horizonte que se faz purpurina, íbem diferente daquela em que vemos um resto de fumo a subir dum resto de cinza sôbre um lar que se tornou deserto!

!Ouve-se falar em decepções, em desilusões.

Eu também tenho falado, e muito. Mas é indispensável que se não confunda ou, antes, que se distinga no individuo se a decepção, a desilusão si-

gnifica desaparecimento do que no seu espírito havia de sonho, de aspiração, de ideal.

Neste caso é que seria para lamentar, porquanto se tal não significa não há que sentir com o caso pois a luta se manterá até com mais vontade e heroísmo, porque o estímulo redobra no ante-gôso da conquista.

Isto sucede mesmo nos domínios da guerra, onde os golpes fazem refôrço ao ataque e levantam labaredas de alucinações e milagres.

Sonho, aspiração, ideal não podem estar à mercê das contrariedades da vida. Se nos perdemos na travessia escabrosa e intrincada da Selva, suspendamos o passo a orientar-nos retomando a marcha.

!Que nos iluminem e determinem as convicções, os anseios nobres e elevados!

Que o fumo se espalhe e desapareça no espaço, porém que a labareda ilumine, aqueça e dê alento, confiança e perseverança.

!Infelizmente, muitos sacrificam as convicções à vaidade; esmotecem diante dos obstáculos que se lhes deparam; e a vida continúa a ser a da Selva, — formada pelos egoismos, mais imperativos do que próprios insintos eternos da animalidade!

*José Augusto de Castro.*

### POLÍTICA DE REALIZAÇÕES

A Revolução doutrínaria, revolução moral que tem reconduzido os portugueses aos salutareos e regrados costumes da sua tradicional vida missionária, não pode ser negada pelos espíritos justos e conscientes.

Todavia, se alguém teima ainda em fingir não ver a sua marcha, o mesmo se torna impossível, lá, quanto à política de realizações, viva, clara, erguida num ritmo progressivo e constante, através dos próprios, inevitáveis reflexos da crise mundial.

Estendem-se a todo o país os benefícios de tão fecunda acção. Para ela contribui, em larga escala, a Direcção dos Melhoramentos Rurais — do Ministério das Obras Públicas — que, metódicamente, vai enriquecendo, valorizando, as diferentes regiões portuguesas.

A Imprensa publicou, recente-

### NOVOS ASSINANTES

A seu pedido, dignou-se tomar a assinatura do «Ecos de Cacia» o nosso prezido amigo sr. Euzébio Ferreira dos Santos, de Azurva, benquisto industrial de padaria em Alcabideche.

Também a seu pedido, tomou a assinatura do «Ecos» o nosso amigo sr. Manuel Figueira de Carvalho, de Azurva e soldado da G. N. R. em Águeda.

!Igualmente a seu pedido, tomou a assinatura deste jornal o nosso estimado conterrâneo e bom amigo sr. J. ao Simões Pereira, de Cacia.

!Ainda por intermédio do nosso redactor principal em Lisboa, sr. Anibal Cruz, dignou-se tomar a assinatura do nosso jornal o sr. Angelo de Assunção, de Salreu e residente na capital.

Para todos o nosso reconhecimento.

## ECOS & NOTÍCIAS

### FESTA LICEAL

No último dia 5, realizou-se em Aveiro no Liceu de José Estêvão, uma festa dedicada aos alunos do Liceu. Começou às 4 horas da tarde, pela apresentação de uma classe de ginástica do 5.º, 6.º e 7.º anos. No plinto, executaram saltos em cumprimento e de barreira, e apresentaram, diante das pessoas mais importantes de Aveiro, tais como S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo, o comandante da praça da M. P., Sr. Capitão Firmino, e outros oficiais, estando também presentes bastantes pessoas de família dos alunos, exercícios de ginástica sueca moderna.

Em seguida appareceu outra classe de ginástica que é prieta em jogos, onde os apresentaram, tais como: «corrida de camelos», «barreira» e «o sempre em pé». Toda esta ginástica foi ensinada pelo sr. Dr. Inãnte, que este ano exerceu o seu cargo como belo professor em Aveiro. Apareceu também a milícia armada em evoluções com o «castelo eléctrico».

No final houve jogo de boiebol entre o 7.º e o 5.º, e o 6.º e 7.º anos, ganhando das 2 vezes o 7.º. À noite houve teatro onde se apresentou o orfeon maior do Liceu, «Uma lição de psicologia», Variedades por alunos do 7.º ano, onde se fez representar a critica dos respectivos professores. E finalmente a praça de Júlio Diniz «Similes Similibus». No acto de variedades tocaram e cantaram alguns alunos.

Felicitemos os ex.ªs professores do Liceu de José Estêvão e todos os seus alunos.

### POR 13 CONTOS!

Na vila de Soza há um lavrador que possui uma junta de bois pela qual pede a bonita quantia de 13 contos! E já tem quem lhe oferece 11.500\$00 o que elle não aceita.

## ANTARES

A luz vinda desses olhos  
Mostram teu olhar bendito;  
Tem o fulgor das estrelas  
A brilhar em no infinito.

Blusa verde e saia rubra  
Dão-te realce e beleza.  
Parece-te o corpo envolto  
Na bandeira portuguesa.

Portugal, bendita Pátria  
Que palpita em nossos peitos,  
Fem pequeno o julgarão,  
Mas e grande por seus feitos.

Se vier a'gum intruso  
Transpor o que não é seu,  
Direi com alma de justo:  
Portugal é muito meu.

CARLOS FERNANDES.

### Crónica da capital

Melodias de amor

O rádio avisava-me à noite, após o jantar, que o dia imediato ia estar bonito, «Céu sem nuvens, temperatura sem alteração». Pela informação previ um daqueles dias que me fazem fugir do borbório da cidade para procurar respirar, um pouco, o ar puro do campo e ir de encontro ao hábito da aventura. Os meteorologistas acertaram. E mal a manhã rompeu clareando-me o quarto e dando vida ao que tudo, pouco antes, parecia morto, no burro onde moro, eu lá fui, cigarro na boca e jornal na mão, bem disposto e bem treinado nesta espécie de desporto, em busca do que tanto desejava. Cansado, parei num alto Lisboa mal se via já com a intensidade do sol. Os seus telhados pareciam vidro na loujura. A curta distância, um cão ladrou. Afastei-me mais descendo a encosta íngreme. Em baixo, a água cristalina dum riacho furava os pedregalhos numa correria louca. Ao pé, uma árvore gigante de apetitosa sombra onde os passaritos vinham pousar e filar de amor parecia triste por não ver mais no armo nenhuma sua irmã. Sentei-me e adormeci. E que sons... O sol começou a bater-me de chapéu e acordou-me. Num galho da árvore, dois passaritos viviam o seu idílio. A água parecia cantar, agora, na passagem, compartilhando daquela alegria toda, a própria árvore que não se queixava daquelas melodias de amor, a que eu estava a assistir, extasiado, de barriga para o ar.

Que paz! Que sossego! Que bem estar e que felizes eram aqueles dois passaritos, alheio a tudo o que o mundo sofre. Segui-os os movimentos por muito tempo. Abriram as azas, voaram, passaram-me rente à nuca e foram descer, muito juntinhos numa pedra de que a água faria tunel. A mesma quietude de sempre. O sol ia a descer também, ao largo, no mar. Eu preparava-me para regressar mas sentia-me preso por um tão belo quadro que já não meus olhos enxergavam. Esperei mais e um desgosto grande se apoderou de mim por não saber transportar para a tela umas pinceladas leves do que vi e que me dessem, em toda a vida, a sensação e a certeza de que não haviam egoísmos nem guerras e que os homens, como aquilo e como tudo o resto que é criado pela Natureza, jamais deixariam de ser amigos.

Um caciense alfacinha.

A seguir:

«Modernismos»

### Imagens da Guerra



O general Loezer falando aos homens duma esquadilha de caçadores.

### Uma poesia de Motta Ferreira

ORAÇÃO AO BÊBÉ

A' Maria Celeste

*Dorme, dorme, tão lindo o meu Menino,  
Nesse leito, de neve, pequenino,  
Sob a terra, tão triste e tão desnuda,  
Que sinto na alma uma perpétua dor,  
Por não poder chegar lhe o meu calor  
E tira-lo da Morte que o transmuda!*

*Dorme, dorme, Menino, dorme bem,  
Que o teu sono é velado pela Mãe,  
Que por ti chora e que por ti sofreu...  
Dorme, dorme, Menino, dorme assim,  
Como se fosses terno Querubim,  
Que no Céu algum dia adormeceu!*

*Dorme, dorme, meu Bem, eternamente!  
E quando dêste Mundo descontente,  
Eu me partir... irei como quem vai  
Tua Alma, a procurar, lá pelo Espaço,  
Para embalar-te, enfim, no meu regaço,  
E para abençoar-te como Pai!*

NOTA—Poesia gravada sobre mármore na Campa do Bêbé.

### OS ÚLTIMOS ARRANÇOS DO SR. PIRES

Para principiar, eu quero afirmar aqui que nada me move contra qualquer outro membro da Comissão Organizadora da Liga da Região do Baixo Vouga. Quem está na berlinda é única e exclusivamente o Senhor Alfredo Dias Pires que veio à carga com teorias que suscitaram o pouco que escrevi por o tempo não permitir alongar-me.

Parece-me que foi em Frossos (se a memória quiser continuar a ser-me fiel) que, um dia, em casa de pessoa amiga e a propósito não sei de quê, me falaram, por alto, em Alfredo Dias Pires. Só agora o nome me recordou, vagamente, por ver artigo de prosa a mais assinado nas colunas do «Ecos».

Não o conheço. É natural no entanto que dado a que nos conhecêssemos, o convencêsse de que não seria capaz de lhe dar resposta ao que quer que fôsse. Assim ou assado, cosido ou frito, conhecido ou inígnito eu nunca me calei com medo. Quem cala consente e eu nunca consentiria que o Senhor Alfredo Dias Pires se desesse ao prazer de dizer o que

lhe aprouvesse sem que ninguém o interrompêsse.

Pode ter muita razão no que diz o escrevinhador; o que, porém, não lhe perdão é a afirmação que faz de «não ter que dar contas a ninguém» quando se serve do nome que abrange uma região inteira e de estar até agora calado, mudo e quêdo, dando a perceber que não fôra «a dura necessidade do Senhor Presidente da Comissão Organizadora da Liga da Região do Baixo Vouga, ter de vir a público dizer alguma coisa, já mais abria o bico, demonstrando assim, a «boa vontade e o acendrado amor» que tem tido pela causa. Ninguém pode fazer o que quer e por seu livre arbítrio mais a mais quando estão em causa numerosas povoações e pessoas como no caso que se trata. A sua obra, pode confessá-lo, foi um fracasso.

Não lhe dou os parabéns do resultado. Só o lamento por querer ou permitir que se deitásem foguetes antes da festa. Talvez nunca o soubesse mas, creia, que a coisa deu nas vistas e foi falada. E sabe porque é que os «paladinos da caneta» nunca mais deixaram de falar? É que nunca se deram à veleidade, sequer, de ensaiar o que sempre julgaram não ser fácil.

A vaidade é o complemento da ignorância como alguém o disse. Eu fui vaidoso por tomar a peito o não deixar o assunto; fui ignorante, como o sou ainda, por não concordar com muita «trêta» e o Senhor Alfredo Dias Pires só teve a vaidade de, no princípio, ver o seu nome correr, de boca em boca os quatro cantos da Região do Vouga que esperava a guma coisa da sua boa intenção e da Liga que, afinal não existe mas que pode existir ainda se «razões superiores à sua vontade» não impedir o Senhor Alfredo Dias Pires da sua «genial intuição».

Um caciense alfacinha

### REMOQUES

Para quem, como eu, tenha debatido no incitamento à efectividade da L. d. R. do B. V. e cujas responsabilidades sejam iguais às minhas nessa Liga, e são várias essas pessoas, para elas não é a minha descrença na sua realização.

Nem a minha descrença nem o meu riso... amarelo! Para quem essas coisas são (essa espécie de carapuça) já toda a gente que lê o «Ecos» sabe. Já há creba onde tal carapuça se j metida, e ainda bem. Já uma vez dissemos que a tal Liga a efectivar-se, só interessaria a valer aos meus com-regiões, mas, sim, existentes aí em Lisboa. A mim, como de resto a toda a gente que cá na região vive, só nos interessaria, como digo, ve-la efectivada.

Se laringe tem havido, essa laringe com certeza não é a nossa.

Este remoque terá o conteúdo de, como costuma ser dito, «duma criada matar dois coelhos». E creia-se nisto que agora vos digo: há muitos descrentes na criação da Liga e vós lhe tendes dado a verdadeira causa.

Ora toma, limão verde!!!  
Diz então o sr. D. P. porque da força destes devem haver muitos, etc... e a tal laringe!  
Da nossa força? A que força se refere o sr. D. P?  
Por ventura (ou por desventura) não foi por vós todos da Liga, assumida uma grande responsabilidade ao g regaular 'es tal fidiinho? Decerto que sim. Não gosta o sr. D. P. que lhe bulam no caso? Nesse caso o sr. assemelha-se muito àquele antigo figurante das antigas Semana Santa, ali de A'gueda, que dizia a uma outra figurante que pretendia acamar-lhe as vestes alteradas cu alteras, (mexentes) e dizia— Não lhe bulas Madalena! Não lhe bulas que é pior!!! Tal e qual! O sr. D. P., está tal e qual.

«Da força destes»? Que tal está o da ribeca? Talvez, talvez. E' provável que os marôtos (salvo seja) do Séc & Méca ou o C. ciense alfacinha, tivessem arre dados nas suas respectivas gavetas os Estatutos da Liga!!! Ora vejam que marôtos estes.

Mas, então, qual é o grande crime do Séc & Méca e do Caciense alfacinha? O de se admirarem da demora em dar-se vida efectiva à Lig? Eu sei. O último remoque *apertou-lhe os calos*, e, como lhe ardeu... é porque é pimenta. Ora, quem não quer ser lido, não lhe veste a pele; e, assim seria uma coisa expandida, dar vida a uma ideia criada por um caciense, que, ao lê-la, só pensou em ser útil à sua linda região—sua e nossa, bem entendido. Aqui ficam mais estes «pingos de tinta» a aumentar a torrente já gasta com tal caso.

Séc & Méca.

### Club Recreio Caciense

Hoje, dia 20, e amanhã, 21, pelas 21,30 horas, efectua-se no salão deste Club um sensacional espectáculo do famoso ilusionista «**DR. KALWÓ**». Um teatro de celebridade mundial, com a sua «AMELY» e 3 actos diferentes. Novas experiências de Hipnotismo, Magnetismo e Sexto Sentido, com os espectadores e com «AMELY».

Ninguém falte, todos a este espectáculo. Estamos convencidos que todos quantos vão forem, atrepender-se-ão.

### NOTÍCIAS DE MATRUCOS

**Falecimento.**— Vitimado por uma pneumonia, faleceu aqui no dia 16 do corrente, o menino Laurentino Rodrigues dos Santos, de 7 anos de idade, filho do sr. Joaquim Valente dos Santos e de sua esposa sr.ª Rosa Rodrigues Paula.

A desditosa criança que frequentava a escola primária, teve a companhia-la no dia seguinte aquando do seu funeral para o cemitério de Esgueira, todos os seus condiscípulos da mesma escola. A seus pais enviamos sentidos pésames.

**Lapso.** Na notícia que demos no n.º 664 do «Ecos» sobre o funeral de D. Luiza de Almeida, realizado em 24 de Fevereiro último, por lapso deixamos de noticiar que se fizeram também representar no funeral, os corpos de Polícia de Segurança Pública e Guarda Fiscal, de Aveiro, o primeiro pelo hábil agente sr. Manuel Ribeiro Guerra, e o segundo pelo bemquisto soldado, sr. Joaquim Teixeira da Fonseca.

Que nos desculpem por esta vez.—C.

### Bom-Sucesso, 16

**Estradas.**—A Câmara Municipal de Ílhavo anda a proceder a uma grande reparação na estrada que liga aquela vizinha vila a esta localidade.

Realmente era de grande necessidade a reparação que se está a fazer, dado o grande movimento que tem aquela estrada devido a esta localidade de manter estreitas relações comerciais com Ílhavo que dista daqui apenas três quilómetros.

Bom seria que a Câmara de Aveiro seguisse o exemplo da de Ílhavo e mandasse também proceder aqui ao conserto das estradas, que já nem são estradas, são estradas, são autênticos lamaçais por onde se toma perigoso passar.

**Casa do Povo de Aradas.**—A nossa Casa do Povo que começou a funcionar no mês de Janeiro do corrente ano, distribuindo já para cima de quinhentos escudos com o subsídio por doença e vai começar ainda este mês a distribuição do subsídio de invalidez que monta a cerca de vinte mil escudos.

E ainda haverá alguém que duvide da benéfica acção das Casas do Povo?!...—C.

### Noticias de Azurva

**Chegadas.**—Vindo de Manaus (Brasil), chegou aqui há dias com sua esposa sr.ª Tereza Magães de Oliveira e filhos, o nosso querido amigo e grande capitalista sr. José de Sousa Ribeiro, a quem cumprimentamos e desejamos que tivesse chegado bem.

**Doentes.**—Já se encontra melhor da doença que últimamente o tem atacado o sr. Manuel José Luiz Pereira.

—Também está melhor a sr.ª Maria M. di Graça. Folgamos.

—Está muito enferma a sr.ª Ana Gonçalves de Almeida e seu filho Anérico Gonçalves de Almeida, esposa e filho do nosso íntimo amigo e conterrâneo sr. Amadeu Gonçalves da Cruz.

Aos doentes desejamos prontos alívios.

**Agricultura.**—Já aqui se semeia milho e feijão; e ainda não está completa a plantação da batata, que este ano atinge n'uto mais hectares de terreno plantado.

Oxalá que produza bem.—C.

### Vende-se

Uma bicicleta em bom estado, quem pretender dirija-se a João Nunes Crespo, Taboira—Eixo.



